

ruckus
série sinners of saint, livro 2
l.j. shen

Tradução de Fernanda Semedo

Caro Leitor,

SE NESTE MOMENTO TEM ESTE LIVRO NAS MÃOS (E VOU ser presunçosa e supor que tem), isso significa que a menina que sonhava ser escritora concretizou o seu sonho.

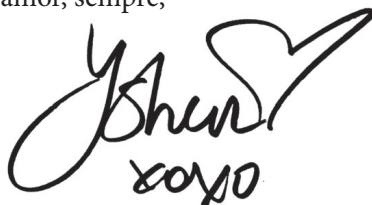
Não pensava consegui-lo quando, há quase uma década, se sentou para escrever *Vicious*. Nessa altura, já não era uma menina, mas sim uma jovem mãe cansada. Estava suficientemente louca e privada de sono para pensar que talvez algures, num sítio qualquer, alguém partilharia o seu amor por machos alfa deliciosos, decadentes e moralmente ambíguos, que são quem são sem pedir desculpa.

Vicious, Jaime, Dean, Trent e Roman agarram-se a nós como fungos. Lenta mas solidamente, e sem que dêmos por isso, até ser demasiado tarde. Ao contrário dos fungos, porém, envelhecem bastante bem à medida que os livros progridem e eles se tornam os homens que se esforçam por ser.

Se pudesse voltar atrás e falar com aquela menina que sonhava em escrever livros e se atrevia a imaginar que chegariam às livrarias, dir-lhe-ia que não se preocupasse. Que ficaria bem. Porque aquela menina? Sou eu.

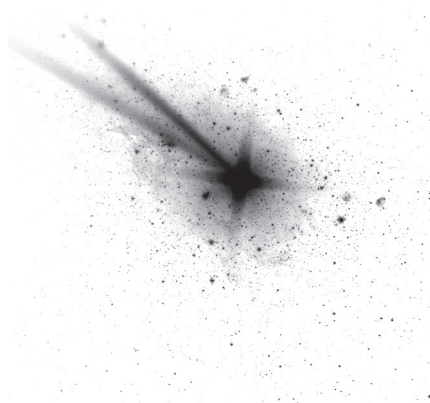
E ao meu leitor digo: obrigada. Por lhe dar uma oportunidade. Por tornar os seus sonhos realidade. E, acima de tudo, por partilhar da sua paixão por um bom romance apimentado com muito coração e (espero bem) um grau idêntico de alma.

Todo o meu amor, sempre,



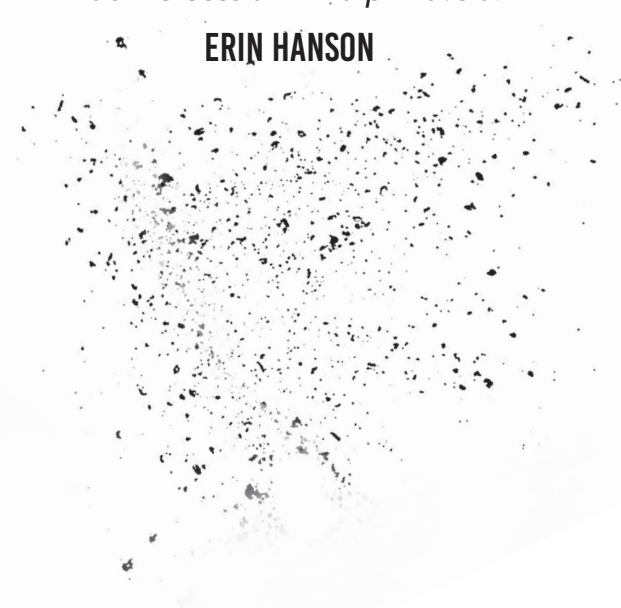
Y Shen
xoxo

Para Kristina Lindsey e Sher Mason.



*«Porque o canto dos pássaros pode ser bonito,
Mas não é para ti que cantam,
E se julgas o meu inverno demasiado frio,
Não mereces a minha primavera.»*

ERIN HANSON



PLAYLIST



«Hold Me Down» — Halsey

«Guys My Age» — Hey Violet

«Drops of Jupiter» — Train

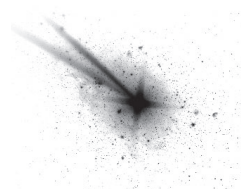
«Immortals» — Fall Out Boy

«Mad About You» — Hooverphonic

«Breathe Me» — Sia

PRÓLOGO

ROSIE



Julgo ter o dever de esclarecer algo antes de começarmos. A minha história? Não tem um final feliz. Não terá. Não pode ter. Por mais alto ou formoso ou rico e cativante que o meu Príncipe Encantado possa ser.

E o meu Príncipe Encantado era tudo isso. Oh, era tudo isso e muito mais.

O único problema é que não era realmente meu. Era da minha irmã. Mas há uma coisa que têm de saber antes de me julgarem.

Eu vi-o primeiro. Desejei-o primeiro. *Amei-o* primeiro.

Contudo, nada disso importou quando o Dean «Ruckus» Cole colou os lábios aos da minha irmã diante dos meus olhos, naquele dia em que o Vicious arrombou o cacifo dela.

O problema destes momentos é que nunca sabemos bem se são o princípio ou o fim. A fluidez da vida detém-se, e somos forçados a examinar a nossa realidade. A realidade é uma treta. Acreditem em mim, sei em primeira mão a treta que é.

A vida não é justa.

O pai disse-o com razão quando fiz dezasseis anos e quis começar a namorar. A resposta dele foi resoluta.

— Santo Deus, não!

— Porquê? — A minha pálpebra tremeu de indignação. — A Millie começou a namorar quando tinha dezasseis anos. — Era verdade. Teve quatro encontros com o filho do nosso carteiro, Eric, quando ainda vivíamos na Virgínia. O pai resmungou e abanou o dedo indicador diante da minha cara. *Boa tentativa.*

— Tu não és a tua irmã.

— Que significa isso?

— Sabes o que significa.

— Não, não sei. — *Sabia.*

— Significa que tens uma coisa que ela não tem. Não é justo, mas a vida não é justa.

Outro facto que não podia contestar. O pai dizia que eu era um íman para o género errado de rapazes, mas isso era como revestir com uma camada de açúcar uma bola de lixo e pregos enferrujados. Compreendi a sua preocupação subjacente, claro que compreendi, especialmente porque tinha sido sempre a sua princesinha. *A Pequena Rosie*. A menina dos seus olhos.

Eu era empolgante. Não era intencional. Até, por vezes, era uma fraqueza inconveniente. Com pestanas densas, uma cascata de cabelo cor de caramelo, longas pernas leitosas e lábios macios tão cheios que ocupavam quase toda a minha cara. Tudo o resto em mim era pequeno e maduro — embrulhado num laço de cetim vermelho com uma expressão de sereia que parecia ter sido permanentemente gravada no meu rosto, por mais que tentasse eliminá-la.

Eu atraía as atenções. O melhor género de atenções. O pior género de atenções. Caraças, todo o género de atenções.

Haveria outros rapazes, tentei convencer-me quando os lábios do Dean e da Emilia se tocaram e o meu coração se encolheu no peito. Mas haveria sempre só uma Millie.

Além do mais, a minha irmã merecia aquilo. Merecia-o. Eu tinha a atenção do pai e da mãe todo o dia, todos os dias. Tinha muitos amigos na escola e admiradores que faziam fila à nossa porta. Todos os olhos estavam sobre mim e ninguém olhava duas vezes para a minha irmã.

A culpa não era minha, mas isso não me fazia sentir menos culpada. A minha irmã mais velha tornara-se o produto tanto da minha doença, como da minha popularidade. Uma adolescente solitária, escondida atrás de uma tela, obscurecida atrás das tintas. Sempre calada, enviando mensagens através das suas roupas esquisitas e excêntricas.

Quando penso nisso, não há dúvida de que foi melhor assim. No primeiro dia em que reparei no Dean Cole no corredor, entre a aula de Trigonometria e a de Inglês, soube que ele seria mais do que uma simples paixoneta da escola secundária. Se o conquistasse, não o deixaria ir. E isso, só por si, era um conceito perigoso com que não podia dar-me ao luxo de brincar.

Sabem, o meu relógio tiquetaqueava mais depressa. Eu não tinha nascido como as outras.

Eu tinha uma doença.

Por vezes, dominava-a.

Por vezes, ela dominava-me.

Rosie, a favorita de toda a gente, estava a murchar, mas nenhuma flor quer morrer diante de uma audiência.

Era melhor assim, decidi quando os lábios dela estavam nos dele e os olhos dele estavam nos meus e a realidade se tornou uma coisa agonizante e complexa de que eu queria desesperadamente fugir.

Então, observei, do meu lugar na fila da frente, enquanto a minha irmã e o único rapaz que fazia o meu coração bater mais depressa se apaixonavam.

As minhas pétalas murcharam uma a uma.

Porque, apesar de eu saber que a minha história não acabaria com um «felizes para sempre», não podia deixar de imaginar... Poderia ter um final feliz, ainda que apenas momentâneo?

DEAN

O verão em que fiz dezassete anos foi mau, mas nada me preparara para o grande final maldito.

Todas as setas apontavam para a calamidade. Não consegui isolar que caminho me levaria ali, mas, conhecendo a minha vida, preparei-me para um soco maléfico que me enviaria diretamente para o inferno.

No final, acabou tudo por ser apenas um momento imprudente, como um cliché no cinema. Algumas *Bud Lights* e charros mal enrolados semanas antes de o nosso décimo primeiro ano acabar.

Estávamos deitados junto da piscina em forma de rim do Vicious, bebendo a cerveja sem gás do pai dele, sabendo que não seríamos punidos por isso — caraças, não seríamos punidos por nada — sob o teto de Baron Spencer Sénior. Havia raparigas. Estavam pedradas. Não havia muito para fazer em Todos Santos, Califórnia, em vésperas das férias de verão. Tudo esaldava. O ar era pesado, o Sol inchado, a relva amarela e a juventude entediada com a sua existência sem problemas e sem sentido. Éramos demasiado preguiçosos para procurar entusiasmos baratos, por isso, procurávamo-los permanecendo refastelados em flutuadores de piscina na forma de dónutes e flamingos e em espreguiçadeiras importadas de Itália.

Os pais do Vicious não estavam em casa — alguma vez estavam? — e toda a gente contava comigo como fornecedor. Nunca fui de desapontar os outros, assim, trouxe haxixe doce e um pouco de *ecstasy*, que consumiram sofregamente sem sequer me agradecerem, muito menos pagarem.

Achavam que eu era um ganso rico, que precisava tanto de mais dinheiro como a Pamela Anderson precisava de mais mamas, o que em parte era verdade. E eu nunca me ralava com insignificâncias, por isso, deixei passar.

Uma das raparigas, uma loirinha chamada Georgia, ostentava a sua nova máquina *Polaroid* que o pai lhe oferecera nas últimas férias em Palm Springs. Tirou fotografias aos rapazes — eu, o Jaime, o Vicious e o Trent —, exibindo os seus ativos num pequeno biquíni vermelho, e, segurando as fotografias acabadas de imprimir nos dentes, entregou-as a cada um de nós, boca a boca. As mamas dela transbordavam para fora do pequeno biquíni como pasta de dentes a sair de uma bisnaga. Eu tinha vontade de esfregar a pila no meio delas e sabia que o faria antes de o dia acabar.

— Caramba, esta vai ser boooooa. — A Georgia usou um número indefinido de *ós* na última palavra, para dar ênfase. — Estás *super-sexy*, Cole — ronronou quando me captou a beber o resto da cerveja com um charro entre os dedos e a bater com a lata na minha coxa dura.

Clique.

A prova do meu mau comportamento saiu da câmara com um silvo provocador, e ela segurou-a com lábios brilhantes, dobrando-se para me entregar. Mordi-a e enfiei-a dentro dos calções de banho. Os olhos dela seguiram a minha mão enquanto baixava o elástico, revelando uma linha direita de pelos claros por baixo do umbigo, convidando-a para o resto da festa. Ela engoliu em seco. Visivelmente. Os nossos olhos encontraram-se, combinando silenciosamente uma hora e um lugar. Então, alguém saltou para a piscina e molhou-a, e ela abanou a cabeça, rindo baixinho antes de passar ao próximo projeto artístico, o meu melhor amigo, Trent Rexroth.

Destruir a fotografia antes de chegar a casa fora sempre o plano. Culpo o maldito *ecstasy* por me ter esquecido. No final, a minha mãe encontrou a foto. No final, o meu pai deu-me um dos seus sermões em voz baixa, que pareciam sempre corroer-me as entranhas como se fossem arsénico. E mesmo, mesmo no final? Obrigaram-me a passar as férias de verão com a porcaria do meu tio, aquele que eu não suportava.

Sabia que não valia a pena contrariá-los em relação a isso. A última coisa de que precisava era de agitar a lama e pôr em risco a minha ida para Harvard um ano antes de acabar o secundário. Tinha trabalhado arduamente por este futuro, por esta vida. Estava exposta diante de mim, em toda a sua maldita glória composta por riqueza, privilégios, aviões privados, *timeshares* e férias anuais nos Hamptons. É assim a vida. Quando algo

de bom te cai nas mãos, não basta que agarres essa merda, tens de a segurar com tanta força que quase a partes.

Só mais uma lição que aprendi demasiado tarde na vida.

Adiante. Foi assim que acabei a viajar para o Alabama, desperdiçando dois meses na porcaria de uma quinta antes do décimo segundo ano.

O Trent, o Jaime e o Vicious passaram o verão a beber, a fumar e a foder raparigas no seu próprio terreno. Quanto a mim, voltei com um olho negro, generosamente ofertado pelo Sr. Donald Whittaker, *aka* Coruja, depois da noite que mudou para sempre quem eu era.

— A vida é como a justiça — disse-me o meu advogado-barra-pai antes de eu entrar no avião para Birmingham. — Nem sempre é justa.

Essa merda era mesmo verdade.

Nesse verão, fui forçado a ler a Bíblia de uma ponta à outra. O Coruja disse aos meus pais que era um cristão renascido e muito interessado nos estudos bíblicos. Apoiou a afirmação obrigando-me a lê-la com ele durante os intervalos para almoço. Pão com fiambre e o Velho Testamento eram a sua versão de não ser um cabrão, porque no resto do tempo era bastante horrível para mim.

O Whittaker era trabalhador na quinta. Pelo menos, quando estava bastante sóbrio para ser alguma coisa. Fez de mim o seu ajudante. Concordei, sobretudo porque conseguia apalpar a filha do vizinho dele ao final de cada dia.

A filha do vizinho achava que eu era uma espécie de celebridade só porque não falava com sotaque sulista e tinha carro. Não seria eu a destruir-lhe a fantasia, especialmente porque ela estava ansiosa por ser a minha aluna de educação sexual.

Fazia a vontade ao Coruja quando ele me ensinava a Bíblia porque a alternativa era lutar com ele no feno até um de nós desmaiar. Acho que a minha família queria ensinar-me que a vida não era só carros caros e férias na neve. O Coruja e a mulher eram como *Low-Income Life 101*, por isso, todas as manhãs eu acordava a pensar no que eram dois meses em comparação com uma vida inteira.

Havia muitas histórias loucas à brava na Bíblia: incesto, circuncisão, Jacó a lutar com um anjo — juro que este livro superou as expectativas logo no segundo capítulo, ou isso —, mas uma história ficou-me gravada, mesmo antes de conhecer a Rosie LaBlanc.

Génesis 27. Jacó foi viver com Labão, seu tio, e apaixonou-se por Raquel, a mais nova das duas filhas de Labão. Raquel era boa à brava, feroz,

graciosa e basicamente sexo servido numa bandeja (conforme indica a Bíblia, se bem que não com estas palavras).

Labão e Jacó fizeram um acordo. Jacó tinha de trabalhar para Labão durante sete anos para poder casar-se com a sua filha.

Jacó assim fez — pensando sob o Sol, dia após dia. Depois daqueles sete anos, Labão finalmente disse a Jacó que podia casar-se com a filha.

Contudo, eis a reviravolta: não foi a mão de Raquel que ele lhe concedeu, mas sim a da filha mais velha, Leia.

Leia era uma boa mulher. Jacó sabia disso.

Era boa. Sensata. Caridosa. Rabo giro e olhos doces. (Mais uma vez, estou a parafrasear. Tirando a parte dos olhos. Essa cena estava mesmo na Bíblia.)

Mas não era a Raquel.

Ela não era a Raquel, e ele queria a Raquel. Fora. Sempre. A. Raquel. Porra!

Jacó discutiu, lutou e tentou incutir juízo no tio, mas no fim perdeu. A vida era como a justiça, mesmo nessa altura. Era tudo menos justa.

— Mais sete anos de trabalho — prometeu Labão. — E deixo-te casares-te com a Raquel também.

E Jacó esperou.

E rondou.

E *anelou*.

O que qualquer um com meio cérebro deveria saber é que isso apenas intensifica o desespero pelo sujeito da obsessão.

Os anos passaram. Lentamente. Dolorosamente. Entorpecidamente.

Entretanto, estava com Leia.

Não sofria. Não propriamente. Leia era boa para ele. Uma aposta segura. Podia gerar os seus filhos, algo que Raquel, como descobriria mais tarde, teria dificuldade em fazer.

Ele sabia o que queria, e podia ser algo parecido com ela, cheirar como ela e talvez até ter a mesma *sensação* que ela — mas não era ela.

Demorou catorze anos, mas, no final, Jacó ganhou Raquel, sem apelo nem agravo.

Raquel podia não ter sido abençoada por Deus, como Leia fora, mas aí é que estava a questão.

Raquel não precisava de ser abençoada.

Ela era amada.

E, ao contrário da justiça e da vida, o amor *é* justo.

E sabem que mais? O amor foi suficiente.
No final, foi tudo, raios!

SETE SEMANAS DEPOIS DO INÍCIO DO DÉCIMO SEGUNDO ano, outra calamidade iminente decidiu explodir-me na cara de uma maneira espetacular. O nome dela era Rosie LeBlanc e tinha olhos como dois lagos gelados num inverno do Alasca. *Esse* género de azul.

O momento «mas o que é isto?» agarrou-me pelos tomates e torceu-os com força no momento em que ela abriu a porta da casa dos criados na propriedade do Vicious. Porque ela não era a Millie. Era parecida com a Millie — mais ou menos —, mas mais franzina, mais baixa, com lábios mais cheios, maçãs do rosto mais altas e as pequenas orelhas pontiagudas de um duende maroto. Mas não usava nada abertamente excêntrico como a Millie. Um par de chinelos de enfiar no dedo com estrelas-do-mar nos pés, *jeans* pretos, justos, com cortes largos nos joelhos, e uma camisola preta de capuz, rasgada, com o nome de uma banda que eu não conhecia escrito a branco. Concebida para se misturar com os outros, mas, como eu perceberia mais tarde, destinada a brilhar como um maldito farol. Um vermelho do inferno atingiu-lhe as bochechas e desceu-lhe pela gola quando os nossos olhos se cruzaram, e isso disse-me tudo o que precisava de saber. Ela era nova para mim, mas *eu* era um rosto conhecido. Um rosto que ela examinava, conhecia e fitava. O tempo todo.

— Estamos numa competição secreta de olhares? — A recuperação dela foi imediata. Havia algo na aspereza da sua voz que parecia quase sobrenatural. Demasiado baixa. Demasiado rouca. Demasiado unicamente ela. — Porque abri esta porta há vinte e três segundos e ainda não te apresentaste. Além disso, pestanejaste duas vezes.

Eu tinha vindo aqui, originalmente, convidar a Emilia LeBlanc para sair comigo. Ela não me quis dar o número de telefone. Caçador por natureza, tinha a paciência adequada para aguardar que ela se aproximasse o suficiente para atacar, mas não fazia mal vigiar a minha presa de vez em quando. Contudo, para ser honesto, perseguir a Emilia não tinha propriamente que ver com a Emilia. O desafio da caça fazia-me sempre vibrar os tomates e, para mim, ela constituía um desafio que outras miúdas não tinham constituído. Era carne nova e eu era um carnívoro insaciável, mas não esperava encontrar *isto*.

Isto mudava absolutamente tudo.

Fiquei ali, como se fosse mudo, e mostrei-lhe o meu sorriso «anda

cá», provocando completamente a Rosie, porque, de alguma forma, ela me provocava completamente. E ocorreu-me que, nesse preciso momento, talvez não fosse eu o caçador. Talvez, por uma fração de segundo, eu fosse o Hortelino Troca-Letras com uma arma sem balas no bosque, tendo acabado de ver uma tigresa zangada.

— Será que isto fala? — As sobrancelhas claras da tigresa juntaram-se e ela inclinou-se para a frente, espetando-me a pequena garra no peito. Tinha-me chamado *isto*.

Ridicularizando-me. Sabotando-me. Gozando comigo.

Com a minha melhor expressão de inocência (essa merda era difícil para mim — esquecera o que era a inocência antes de o meu cordão umbilical ser atirado ao lixo), cerrei os dentes por trás dos lábios e abanei a cabeça negativamente.

— Não falas? — Cruzou os braços e encostou-se à moldura da porta, arqueando uma sobrancelha cética.

Fiz que sim com a cabeça, contendo um grande sorriso.

— Treta. Já te vi na escola. Dean Cole. Chamam-te Ruckus. Não só consegues falar, como durante a maior parte do tempo parece que não te consegues calar.

É mesmo isso, duendezinho. Engole essa raiva e guarda-a para quando te rebolar entre os meus lençóis.

Para compreender o meu grau de surpresa, têm de saber que nunca nenhuma rapariga falara assim comigo. Nem sequer a Millie, e a Millie parecia ser a única fêmea imune ao meu charme de americano «à séria», desportista *sexy*, que te rasga as cuecas com os dentes. Caraças, foi por isso que me chamou a atenção.

Contudo, como já disse, os planos mudam. Ainda não namorávamos, propriamente. Rondara a Millie na escola durante algumas semanas, ponderando se valia a pena persegui-la a sério, mas agora que via o que andara a perder — este pequeno foguetão —, estava na altura de me aquecer nas suas chamas loucas.

Libertei outro sorriso lascivo. Fora com este, em particular, que conquistara a alcinha de Ruckus nos corredores da Secundária de Todos Santos há dois anos. Porque eu o era. Era um maldito caos, criando anarquia aonde quer que fosse. Toda a gente sabia disso. Professores, alunos, a diretora Followhill e até o xerife local.

Quando alguém precisava de drogas, vinha ter comigo. Quando precisavam de uma boa festa, vinham ter comigo. Quando precisavam

de uma queca fenomenal, era comigo que vinham, e se vinham. E era isto que o meu sorriso — aquele que praticava desde os cinco anos — dizia ao mundo.

Se é corrupto e porco e divertido — estou lá.

E esta rapariga? Parecia material muito divertido para corromper.

Os olhos dela percorreram os meus lábios. Pesados. Desejosos. Embriagados. Era fácil lê-los. Miúdas da secundária... Apesar de esta em particular não sorrir tão abertamente como as outras. Também não me oferecia um convite silencioso para a sedução.

— Tu falas. — Tossiu as palavras acusadoramente. Mordi o lábio inferior e soltei-o. Lento. Calculado. Provocador.

— Afinal, talvez saiba algumas palavras. — Falei na cara dela, num sussurro. — Queres ouvir as interessantes? — Os meus olhos suplicavam-me que deslizesse pelo seu corpo, mas o meu cérebro mandava-me esperar. Decidi dar ouvidos ao último.

Eu era relaxado.

Eu era astuto.

Porém, pela primeira vez em anos, não tinha puta ideia do que estava a fazer.

Ela lançou-me um sorriso de esguelha que me deixou sem palavras. Introduziu tantas palavras numa única expressão. Disse-me que a minha tentativa de a impressionar não resultara minimamente. Que gostava de mim — sim — e reparara em mim — claro —, mas que eu teria de fazer mais do que uma abordagem casual e sem esforço para chegar a ela. Fosse o que fosse, eu estava pronto para a jornada.

— Será que quero? — provocou ela, sem sequer reparar que o fazia. Baixei o queixo, inclinando-me para a frente. Eu era grande, dominador e confiante. E significava sarilhos. Ela provavelmente já ouvira falar disso tudo; caso contrário, estava prestes a descobri-lo.

— Acho que queres — disse eu.

Há dois minutos, eu estava decidido a convidar a irmã dela para sair — irmã mais velha, apostava; esta miúda parecia mais nova e, além disso, eu teria sabido se ela fosse do meu ano — e, vejam bem, quis o destino que fosse ela a abrir a porta e a alterar os meus planos.

A Baby LeBlanc lançou-me um olhar estranho, desafiando-me a continuar. Exatamente quando eu abria a boca, a Millie entrou no meu campo de visão, correndo da salinha pequena e atravancada até à porta como se fugisse de uma zona de guerra. Segurava um manual escolar junto do

peito e tinha os olhos inchados e vermelhos. Olhava diretamente para mim e, por um segundo, pensei que ia bater-me na cara com o livro de dois quilos.

Em retrospectiva, tomara que o tivesse feito. Teria sido muito melhor do que o que de facto fez.

A Millie empurrou o duendezinho para o lado sem sequer perceber que ela estava ali, atirou-se de encontro ao meu peito — invulgarmente afetuosa — e encostou os lábios aos meus como um demónio possuído.

Foda-se.

Isto era mau.

Não o beijo. O beijo foi bom, acho eu. Não tive tempo para o processar porque os meus olhos arregalaram-se, fugindo para o elfo de orelhas pontiagudas que parecia horrorizado, os seus olhos azul-claros fixos, processando e catalogando-nos aos três em algo que eu não estava preparado para aceitar.

Que raio estava a Millie a fazer? Há algumas horas ainda fingia não me ver no corredor, comprando tempo, procurando espaço, simulando indiferença. Agora estava colada a mim como uma erupção cutânea depois de uma queca manhosa.

Gentilmente, afastei-me da Millie e segurei-lhe as faces nas mãos, para que não se sentisse rejeitada, ainda tentando assegurar que tínhamos espaço suficiente para encaixar o elfozinho entre ambos. A proximidade da Emilia não era bem-vinda, e esta era a merda de uma primeira vez quando se tratava de uma miúda gira.

— Ei — disse eu. A minha voz perdera o seu habitual toque brincalhão, até para os meus ouvidos. Isto não era nada típico da Millie. Algo acontecera, e eu tinha uma vaga ideia do que causara esta pequena cena. O meu sangue ferveu. Respirei pelas narinas, determinado a não perder a cabeça. — Que se passa, Mil?

O vazio dos seus olhos deixou-me nauseado. Quase ouvia o som do seu coração a estalar-lhe dentro do peito. Arrisquei outro olhar na direção da Baby LeBlanc, perguntando-me como raio me safaria desta. Ela deu um passo atrás, os olhos demorando-se naquele monte de caos que ainda tentava abraçar-me. A Millie estava perturbada. Não podia rejeitá-la. Não naquele momento.

— O Vicious — disse a irmã mais velha através de uma sonora fungadela. — Passa-se o Vicious.

Então, apontou para o livro de Cálculo, como se fosse uma prova.

Relutantemente, o meu olhar voltou para a Emilia «Millie» LeBlanc.

— Que é que esse cabrão fez? — Tirei-lhe o livro das mãos e folheei-o, procurando comentários maldosos ou desenhos ofensivos.

— Arrombou o meu cacifo e roubou-o — disse ela, fungando novamente —, antes de o encher de invólucros de preservativos e lixo. — Limpou o nariz à manga.

Raios partissem aquele idiota. Essa era a outra razão para eu querer andar com a Millie. A necessidade de proteger as criaturas indefesas ardia em mim desde tenra idade. Um ponto fraco, e essas tretas todas. Eu não era *totalmente* mau, como o Vicious, nem era *totalmente* bom, como o Jaime. Tinha o meu próprio código moral, e o *bullying* era uma longa linha vermelha pintada com sangue.

No que dizia respeito a criaturas indefesas, a Millie era o perfeito saco de pulgas a tremer à chuva, precisando de abrigo. Aterrorizada na escola e massacrada por um dos meus melhores amigos. *Precisava* de fazer a coisa certa. *Precisava*, mas não me *apetecia* nada.

— Eu trato dele. — Tentei não me passar. — Volta para dentro.

E deixa-me com a tua irmã.

— Não precisas de o fazer. Estou contente só por estares aqui.

Olhei furtivamente a rapariga que estava destinada a ser a Raquel do meu Jacó, desta vez nostalgicamente, porque soube que não tinha hipótese com ela no momento em que a irmã me beijou para se vingar do maldito Vicious.

— Já pensei nisto. — A Millie pestanejou rapidamente, demasiado envolvida na sua própria confusão para perceber que eu mal a olhara desde que aparecera à porta. Demasiado ocupada para reparar que a irmã estava mesmo ali ao nosso lado. — E já decidi... porque não? Gostava mesmo de andar contigo.

Não, não gostava. O que ela queria era que eu fosse o seu escudo.

A Millie precisava de ser salva.

E eu precisava de fumar a merda de um charro.

Suspirei, puxando a irmã mais velha para um abraço, segurando-lhe a nuca, madeixas castanho-claras do seu cabelo entrelaçando-se nos meus dedos. Os meus olhos ainda faziam *zoom* sobre a Baby LeBlanc. A minha pequena Raquel.

Vou corrigir isto, prometeu-lhe o meu olhar. Estava claramente mais otimista do que eu.

— Não tens de andar comigo. Posso facilitar-te a vida sendo teu amigo.

É só dizeres e dou cabo dele — sussurrei para a orelha perfeitamente curva da Millie, as minhas pupilas focando-se na irmã.

Ela abanou a cabeça, enterrando-a mais no meu pescoço.

— Não, Dean. Quero namorar contigo. Tu és bom, divertido e compassivo.

E completamente fascinado pela tua irmã.

— Duvido, Millie. Andas a rejeitar-me há semanas. Isto é por causa do Vic, e ambos o sabemos. Bebe um copo de água. Pensa melhor. Falo com ele amanhã de manhã durante o treino.

— Por favor, Dean. — A sua voz trémula acalmou enquanto ela segurava o tecido das mangas da minha *T-shirt* de estilista, puxando-me para mais perto dela ao mesmo tempo que me afastava da minha nova e brilhante fantasia. — Sou uma rapariga crescida. Sei o que estou a fazer. Vamos agora.

— É isso. Vão. — Mal ouvi a voz rouca da Baby LeBlanc, abanando a mão na nossa direção. — Afinal, preciso de estudar e vocês são uma distração. Afogarei o cabrão do Vicious se o vir na piscina, Millie — brincou, fingindo fazer músculo nos seus braços magros.

A Baby LeBlanc era uma péssima aluna, com uma lista interminável de notas más. Mas na altura eu não sabia disso. Ela não queria estudar. Queria que a irmã fosse salva.

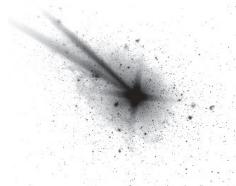
Levei a Millie a comer gelado, desta vez sem olhar para trás.

Levei a Millie quando devia ter levado a Rosie.

Levei a Millie, e ia matar o Vicious.

CAPÍTULO UM

ROSIE



PRESENTE

O que te faz sentir viva?

A condensação. Porque me recorda de que ainda respiro.

Bem, acho que isto pode ser classificado como falar sozinha, mas fui sempre assim.

A voz que sempre me fez esta pergunta elusiva parecia ter sido implantada no meu cérebro, e não era eu. Era uma voz de homem. Ninguém conhecido, acho. Fazia-me sempre lembrar de que eu ainda respirava, o que não era algo que tomasse necessariamente por garantido. Desta vez, a minha resposta flutuou-me na cabeça como uma bolha prestes a rebentar. Encostei o nariz ao espelho do elevador do arranha-céus exuberante onde vivia e soprei o ar pela boca, criando uma densa nuvem de névoa branca. Afastei-me, olhando para a minha obra.

Ainda respirar era um enorme «vai-te lixar» para a minha doença.

Fibrose quística. Tentava sempre eliminar os pormenores quando alguém perguntava. A única coisa que as pessoas precisavam de saber é que fui diagnosticada aos três anos, quando a minha irmã Millie me lambeu a cara e disse que eu tinha um sabor «muito salgado». Foi uma bandeira vermelha, e os meus pais mandaram-me examinar. Os resultados foram positivos. É uma doença pulmonar. Sim, é tratável. Não, não tem cura. Sim, afeta imensamente a minha vida. Tomo constantemente comprimidos, tenho três sessões de fisioterapia por semana e uma quantidade infinita de nebulizadores e, provavelmente, morrerei nos próximos quinze anos. Não, não preciso da tua piedade, por isso, não me olhes assim.

Ainda usando a minha bata verde, o cabelo todo emaranhado e os olhos

vidrados pela falta de sono, rezei para que o elevador finalmente se fechasse e me levasse para o meu apartamento no décimo andar. Queria despir-me, mergulhar num banho quente e deitar-me na cama, a ver compulsivamente *The Morning Show*. E queria não pensar no meu ex-namorado, Darren.

Na verdade, queria *mesmo* não pensar nele.

Violentos estalidos de saltos altos ecoaram nos meus ouvidos, parecendo vir de nenhures, tornando-se mais sonoros a cada segundo. Virei a cabeça para o lóbi e abafei uma tosse. A porta do elevador já começara a fechar-se, mas uma mão feminina com unhas vermelho-vivo introduziu-se na abertura no último segundo, abrindo-a com uma gargalhada aguda.

Franzi a testa.

Ele outra vez, não.

Mas claro que era ele. Entrou no elevador a tresandar tanto a álcool que poderia intoxicar um elefante adulto até à morte, armado com duas mulheres do género *Real Housewives De Não Sei Onde*. A primeira era o génio que arriscara o braço para segurar o elevador — uma miúda com cabelo vermelho-veludo ao estilo Jessica Rabbit e um decote que não deixava nada à imaginação mais fértil. A segunda era uma morena pequenina, com o rabo mais redondo que eu já tinha visto num ser humano e um vestido tão curto que seria possível fazer-lhe um exame ginecológico sem ter de lhe despir nada.

Oh, e depois ali estava o Dean «Ruckus» Cole.

Alto — tamanho perfeito para uma estrela de cinema —, com olhos verde-musgo, com um brilho quase radioativo e que pareciam não ter fundo, cabelo castanho-escuro despenteado e um corpo que envergonharia Brock O'Hurn. Pecaminosamente *sexy* ao ponto de a única hipótese ser desviarmos o olhar e rezarmos para estar com cuecas suficientemente grossas para absorver a excitação. A sério, o homem era tão indignamente *sexy* que provavelmente seria proscrito nos países ultrarreligiosos. Felizmente para mim, sabia que o Sr. Cole era um cabrão de classe mundial, por isso, era praticamente imune ao seu charme.

Sendo «praticamente» a palavra fundamental.

Ele era lindo, mas também era um caos de proporções épicas. Conhecem aquelas mulheres que querem o tipo danificado, lindo e vulnerável, que possam consertar e acalantar? O Dean Cole seria o seu sonho molhado. Porque se passava mesmo qualquer coisa com este tipo. A ideia de que as pessoas no seu ambiente imediato não viam os avisos a piscar em néon — o consumo de bebida, o excesso de marijuana e o vício furioso de

tudo o que fosse pecaminoso e divertido — entristecia-me. Contudo, reconhecia que o Dean Cole não era problema meu. Além disso, tinha os meus próprios problemas para resolver.

O HotHole soluçou, premiu o botão para a sua *penthouse* quinhentas vezes e balançou no espaço exíguo que os quatro partilhávamos. Tinha os olhos febris e uma película fina de suor na pele que cheirava a *brandy* puro. Um arame grosso e enferrujado enrolou-se-me no coração.

O sorriso dele não parecia feliz.

— Baby LeBlanc. — O tom indolente do Dean deslizou diretamente para o fundo da minha barriga e eu imobilizei-me. Segurou-me pelo ombro, fazendo-me rodar para que o encarasse. As suas companheiras olharam-me como se eu fosse uma pilha de ovos podres. Coloquei as mãos no seu peito duro como ferro, empurrando-o.

— Cuidado. Cheiras como se o Jack Daniels se tivesse vindo na tua boca — disse eu, impassível. Ele atirou a cabeça para trás e riu-se, desta vez mostrando um sorriso franco, desfrutando intensamente do nosso diálogo bizarro.

— Esta rapariga. — Enrolou um braço no meu ombro e apertou-me de encontro ao peito. Apontou-me com uma mão que segurava o gargalo de uma garrafa de cerveja, olhando para as raparigas com um olhar deslumbrado. — É boa à brava e tem miolos, e um espírito que eclipsaria o do Winston Churchill na sua melhor hora — atirou. Elas devem ter pensado que Winston Churchill era uma personagem do canal de desenhos animados. O Dean virou-se para me encarar, baixando as sobrancelhas subitamente. — Isso coloca-a em elevado risco de ser uma cabra condescendente, mas não é. Também é extremamente generosa. É por isso que é enfermeira. Esconder esse rabo lindo debaixo dessa bata é um crime, LeBlanc.

— Lamento desapontá-lo, Agente Ganzado, mas sou só voluntária. Na verdade, sou empregada de bar — corriji, alisando a bata com a mão enquanto me desviava do seu toque, oferecendo um sorriso polido às raparigas. Era voluntária na Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais três vezes por semana, supervisionando incubadoras e limpando cocó de bebé. Não era tão talentosa artisticamente como a Millie, nem tão afortunada como os HotHoles, mas tinha as minhas paixões (pessoas e música) e não achava as minhas aspirações inferiores à forma como eles ganhavam a vida. O Dean tinha um MBA de Harvard e uma subscrição do *New York Times*, mas seria realmente melhor do que eu? Nem pensar. Eu trabalhava num cafezinho chamado Black Hole entre a First Avenue e a Avenue A. O salário era mau,

mas a companhia era boa. Achava que a vida era demasiado curta para fazer algo que não me apaixonasse. *Especialmente para mim.*

A Jessica Rabbit revirou os olhos. A morena pequenina encolheu um ombro e virou-nos as costas, mexendo no telefone. Achavam que eu era uma cabra descarada. E tinham razão. *Literalmente*, era-o. Mas, para ser literal, elas estavam prestes a ter um despertar rude. Conhecia de cor o ritual do meu vizinho e ex-namorado da minha irmã. De manhã, chamava-lhes um táxi e nem se dava ao trabalho de fingir que guardava o número de telefone delas.

De manhã, agiria como se não fossem mais do que uma porcaria que ele tinha de limpar. De manhã, estaria sóbrio, ressacado e ingrato.

Porque era um HotHole.

Um egomaníaco, desequilibrado e privilegiado de Todos Santos, que achava que merecia tudo e não tinha deveres.

Vá lá, elevador. Porque é que estás a demorar tanto?

— LeBlanc! — Desta vez, o Dean ladrou, encostado à parede de metal, e tirou um charro de trás da orelha, procurando um isqueiro nos *jeans* escuros feitos à medida. A garrafa foi passada a uma das mulheres. Ele usava uma *T-shirt* de estilista com decote em V, daquele verde-lima que fazia os seus olhos sobressaírem e a pele parecer ainda mais bronzeada, um *blazer* preto desabotoado e ténis-bota. Fazia-me desejar coisas estúpidas. Coisas que eu nunca quisera de ninguém, muito menos de um homem que tinha namorado com a minha irmã durante oito meses. Por isso, contive tudo e tentei ser má para ele. O Dean era como o Batman. Bastante forte para aguentar.

— Amanhã. Tu. Eu. *Brunch* de domingo. Diz a palavra, e comerei mais do que apenas comida. — Baixou o queixo para mostrar os olhos cor de esmeralda, com uma expressão sinistra no rosto. Com este tipo não havia pontos de interrogação.

Mimado. O pensamento amargo cruzou-me a mente. *Vai fazer sexo a três daqui a uns minutos e está aqui a atirar-se à irmã da ex-namorada. E elas estão a ouvir. Porque é que ainda estão aqui?*

Ignorei o seu avanço medíocre, avisando-o de algo inteiramente diferente.

— Se acenderes essa porcaria no elevador — disse, apontando para o charro —, juro que entro no teu apartamento esta noite e te despejo cera quente nos genitais.

A Jessica Rabbit arquejou. A Morena Pequena guinchou. Bem, elas *estariam* na linha de fogo se isso acontecesse.

— Chiça, vê se te acalmas. — A morena abanou uma mão para mim.
— Estás-te a passar?

Não prestei atenção à mulher com maquilhagem feita a lápis. Ao invés, apenas fitei os números vermelhos por cima da porta do elevador, indicando que estava cada vez mais perto de um banho, vinho e *The Morning Show*.

— Responde-me. — O Dean ignorou as raparigas que estava prestes a profanar, devolvendo-me o seu olhar vidrado. — *Brunch?* — Solução. — Ou podemos saltar essa parte e foder?

Irremediavelmente romântico, eu sei, mas, infelizmente, continuava a ser um não.

Com toda a honestidade, não fiquei só desagradada com a forma como tentava arrastar-me para a sua cama, mas também com o seu péssimo sentido de oportunidade. Havia três semanas que o Darren tinha feito as malas e saído do apartamento que partilháramos por seis meses — tínhamos estado juntos nove meses, depois de uma breve tentativa que eu fizera com um mecânico e entusiasta de *metal* chamado Hal. O Dean não perdera tempo a tentar ocupar a posição de recarga casual. Ser essencialmente o meu senhorio e eu só lhe pagar cem dólares por mês por razões legais não me tornava mais fácil rejeitá-lo. Ele era coproprietário do meu apartamento, juntamente com o Vicious, o Jaime e o Trent, e embora eu soubesse que não me poria na rua — o Vicious nunca lho permitiria —, também sabia que tinha de me mostrar simpática com ele.

Contudo, a ideia de que podia contagiar-me com todas as DST listadas nos manuais médicos facilitava. Muito, na verdade.

Os números vermelhos subiam no mostrador.

Terceiro.

Quarto.

Quinto.

Vá, vá, vá.

— Não — respondi impassivelmente quando percebi que continuava a olhar para mim, aguardando a minha resposta.

— Porquê? — Outro solução.

— Porque não és meu amigo e não gosto de ti.

— E porquê? — insistiu, sorrindo.

Porque quebraste o meu coração e eu voltei a juntar os cacos, todos errados e tortos.

— Porque és um mulherengo irremediável. — Dei-lhe a minha razão

número dois da minha lista «Porque Odeio o Dean». Era uma coisa longa, com L maiúsculo.

Em vez de se mostrar embaraçado ou desanimado, o Dean inclinou-se para mim e espetou-me o indicador na bochecha com a mão que segurava o charro apagado, o seu rosto tranquilo e composto. Mostrou uma pestana que me apanhara na cara, o seu dedo tão perto dos meus lábios que vi o padrão redondo da impressão digital em volta da minha pestana enrolada.

— Pede um desejo. — A voz dele era cetim a enrolar-se em redor do meu pescoço, apertando suavemente.

Fechando os olhos, mordi o lábio inferior. Depois abri-os. Depois soprei a pestana, vendo-a balançar gradualmente, como uma pena.

— Não queres saber o que pedi? — A minha voz saiu rouca. Ele inclinou-se para o meu corpo, os lábios encostados à minha face.

— Não importa o que pediste — disse com voz entaramelada. — O que importa é o que precisas. Eu tenho-o, Rosie, e um dia, ambos o sabemos, dar-to-ei. Aos montes.

Eu estava a voltar de um turno de seis horas como voluntária num hospital pediátrico na Baixa, para o qual fora diretamente depois de terminar um turno completo no café. Estava cansada e faminta e os meus pés tinham bolhas do tamanho do meu nariz. Não devia ter sentido um milhar de peixinhos a nadar-me no peito, mas senti. Senti, e odiei sentir.

— *Brunch* — murmurou para a minha cara, o seu hálito quente e malcheiroso soprando-me na pele. — Estás a viver no meu apartamento há quase um ano. Está na altura de reavaliar a tua renda. Em minha casa. Amanhã de manhã. Estou pronto quando estiveres, mas é melhor que vás. *Capisce?*

Engoli em seco, desviando o olhar, e quando voltei a olhar para cima, as portas do elevador abriram-se. Saltei para fora, praticamente a correr, atirando-me para o patamar e procurando as chaves na mochila.

Espaço. Precisava de espaço. O espaço todo. Agora.

A gargalhada dele ainda era audível à minha porta, vinda do vigésimo andar, onde ficava a sua *penthouse* e onde ele terminava a sua jornada desta noite com duas belas mulheres.

Depois de tomar banho, servi-me de um pouco de vinho e comi um jantar saudável e equilibrado, consistindo em *Cheetos* e um molho cor de laranja, de origem desconhecida, que encontrei no fundo do frigorífico, estacionei o rabo no sofá e comecei a passar de canal em canal. Embora

quisesse ver *The Morning Show* porque me fazia sentir um pouco mais sofisticada do que o meu jantar sugeria, acabei a ver *Knocked Up*.

Horrível, e não só por obter vinte e dois por cento de aprovação no Rotten Tomatoes.

Mas porque me fez pensar no Darren.

E pensar no Darren deu-me vontade de lhe telefonar e lhe pedir desculpa mais uma vez.

Olhei para o telefone por vários segundos, debatendo, imaginando o cenário no meu cérebro irremediavelmente cansado.

Ele atende.

Tenta dizer-me que eu cometi um erro terrível.

Que ele não se importa. Apesar disso, ainda me quer.

Só que ele importa-se. Importa-se muito.

E eu não sou bastante boa.

Não para alguém como ele.

Outra coisa que devo mencionar: apesar da minha natureza sarcástica e boca imparável, eu só ladrava e não mordia. Não estava interessada em arruinar vidas. Preferia mil vezes salvá-las. Por isso é que tinha desistido do Darren.

O Darren merecia uma vida normal, com uma mulher normal e um número de filhos adequado para iniciar uma equipa de futebol. Merecia férias longas e atividades ao ar livre fora das paredes do hospital. Quando não estava a trabalhar lá, quero dizer. Em resumo: merecia mais do que eu podia dar-lhe.

Aninhei-me na cama, encostada à cabeceira enquanto olhava a porta do meu quarto, desejando que se abrisse, empurrada por um homem divino que me manteria quente toda a noite.

Dean Cole.

Caraças, eu detestava-o. Agora mais do que nunca. Ele queria reavaliar a minha renda. Não podia. Mesmo assim, eu já era pobre como um rato de sacristia. Especialmente para os padrões de Manhattan. Além disso, ele ganhava num dia o que eu ganhava em dois anos. Era mesmo necessário, ou ele queria vingar-se de mim por não ceder aos seus avanços?

Fechando os olhos, imaginei o cabrão de classe mundial a comer a Jessica Rabbit, que estava em cima da sua cara perfeita e esculpida, enquanto a Morena Pequena o chupava. Abalada, meti uma mão nas minhas cuecas já húmidas, a ruga entre as minhas sobrancelhas aprofundando-se, e tossi baixinho.

O Dean Cole era provavelmente do género porco. Do género de virar a Jessica Rabbit um segundo depois de ela se vir e a comer por trás, puxando-lhe os cabelos escarlates.

Introduzi o indicador dentro do sexo, depois o dedo médio, procurando aquele ponto.

Repugnada, imaginei a Morena Pequena a ser agarrada pelo pescoço e a ser colocada de costas quando ele acabasse com a J.R. Agora estava também a fodê-la, apertando-lhe os mamilos. Com força.

Arqueei as costas, revoltada.

Gemi, repugnada.

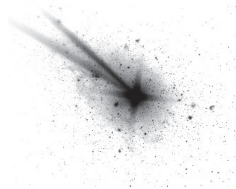
Depois, vim-me intensamente nos meus dedos, enojada.

Odiava tudo no Dean Cole.

Tudo... menos ele.

CAPÍTULO DOIS

DEAN



S-E-X-O.

É ao que tudo se resume, na verdade.

O mundo inteiro está construído sobre uma única necessidade animal. A nossa demanda para sermos mais bonitos, trabalharmos mais arduamente, ficarmos mais ricos e perseguirmos coisas de que nem sequer precisamos — um carro melhor, abdominais mais definidos, uma promoção, um novo corte de cabelo, toda a porcaria que tentam vender-nos na publicidade.

Tudo. Por. Causa. Do. Sexo.

Sempre que uma mulher compra perfume ou um produto de beleza ou a merda de um vestido.

Sempre que um homem se sujeita a mensalidades ridículas para pagar um carro desportivo, muito menos confortável do que o espaçoso veículo coreano que tinha há uma semana, e injeta esteroides no balneário de um ginásio abafado... Fazem-no. Para. Obter. Sexo.

Mesmo que não o saibam. Mesmo que não *concordem* com isso. Compras aquela blusa e aquele jipe e aquele nariz novo para te tornares mais fodível. Ciência, *baby*. Não se discute com essa merda.

O mesmo vale para a arte. Algumas das minhas canções favoritas eram acerca de sexo, antes ainda de eu saber que podia fazer mais com a pila do que mijar o meu nome na neve.

«Summer of 69»? Nesse verão, o Bryan Adams tinha nove anos. Estava claramente a cantar a sua *posição sexual* favorita. «I Just Died In Your Arms», de Cutting Crew? Fala sobre *orgasmos*. «Ticket to Ride», dos Beatles? *Prostitutas*. «Come On Eileen»? Essa cançoneta alegre que toda a gente dança nos casamentos? *Coerção sexual*.

O sexo estava por todo o lado. E porque não haveria de estar? É estrondoso. Nunca me conseguia fartar dele. E também era bom a fazê-lo. Eu

disse bom? Risquem. Fantástico. Era essa a palavra que procurava. Porque a prática leva à perfeição.

E Deus sabe que pratiquei muito.

E agora me lembro — tenho de encomendar outra caixa de preservativos. Mando-os fazer especialmente numa empresa chamada SayItWithaRubber. Não só desenhei o invólucro com o meu nome — ei, algumas miúdas queriam guardá-lo de recordação, e quem era eu para lho negar? — e escolhi as cores (gostava de vermelho e roxo, o amarelo fazia os meus tomates parecerem um pouco pálidos, não é uma cor boa para mim...), como também escolhi o tipo de material, a espessura, 0,015 mm, se querem saber — e o grau de sensibilidade.

— Bom dia — resmungou uma das raparigas, despertando. Deu-me um beijo repenicado na nuca. Demorava sempre alguns segundos a recordar com quem tinha passado a noite, mas esta manhã foi ainda pior porque passara o dia anterior a beber como se tivesse a missão de liquefazer o fígado em rum.

— Dormiste bem? — perguntou, ensonada, a segunda miúda.

O meu corpo estava inclinado para um lado, na direção da mesa de cabeceira, enquanto lia uma mensagem longa como o raio, escrita pelo meu amigo e sócio Vicious. A maioria das pessoas escreve mensagens de texto curtas, só para transmitir uma informação. Este cabrão intenso fazia da Siri a sua escrava e mandava-me a Bíblia inteira. Acordar com uma mensagem dele era o equivalente a acordar com o broche de um tubarão. E isto é o que ele escreveu:

Caro Saco de Merda,

A minha noiva chamou-me a atenção para a dor de cabeça que é a irmã dela poder chegar atrasada ao jantar de ensaio no próximo sábado porque está a tentar poupar uns trocos apanhando dois voos para chegar a Todos Santos.

Ela é a madrinha da Em, por isso, a sua presença não é opcional. É obrigatória e, se tiver de a arrastar pelos cabelos, fá-lo-ei, mas preferia não o fazer. Sabes o que sinto por este sítio. Nova lorque é difícil para o corpo. Los Angeles é difícil para a alma.

Eu não tenho alma.

Peço-te como amigo que batas à porta da Rosie e lhe metas um bilhete nas mãos. Manda a Sue reservar-lhe um de primeira classe ao teu lado e garante que apanha o voo contigo na sexta-feira. Acorrenta-a ao assento, se for necessário.

Esta é a parte em que deves estar a perguntar porque havias de me fazer qualquer favor. Considera-o um favor à Millie, não a mim.

Ela está stressada.

Está preocupada.

E não merece estas merdas.

Se a irmãzinha da Em pensa que pode fazer o que lhe der na telha, está enganada.

Obriga-a a perceber o quanto está errada, porque cada dia que ela faz o papel da santa frugal e obediente, a minha futura mulher fica magoada.

E toda a gente sabe como reajo quando algum dos meus é prejudicado.

Paz, cabrão.

— V.

Não é propriamente escrita floreada, mas o Baron Spencer é assim.

Espreguicei-me, sentindo um corpo quente trepar para cima de mim, navegando o lago de lençóis de seda azul-marinho entre nós. Havia pilhas de tecido luxuoso, carne quente e curvas suaves a rodear-me por todos os lados. O sol entrava pela minha janela do chão ao teto, brilhando sobre a varanda de noventa metros quadrados, um mar de relva acabada de cortar misturando-se com o céu de Manhattan. Raios de calor lambiam-me a pele. Um bar chamava-me para fazer um *Bloody Mary*. E sofás fofos, em cinzento e azul-marinho, suplicavam-me que cavalgasse as raparigas em cima deles para toda a cidade de Nova Iorque ver e ouvir.

Em resumo: esta manhã era fantástica.

O Vicious, contudo, não o era.

Assim, permiti-me banhar no conforto destas mulheres — Natasha e Kennedy — e fazer o que Deus ou a natureza me suplicavam que fizesse: fodê-las com força. Por causa da civilização e daquela história de espalhar a semente.

Enquanto a Kennedy — a maravilhosa ruiva, recordou-me a minha memória — me salpicava o pescoço de beijos, fazendo o caminho para a minha ereção matinal, e a Natasha — a exuberante professora de ioga de tamanho miniatura — me beijava intensamente a boca, processei a nova informação através dos latejos de uma bem merecida ressaca.

Então, a Millie LeBlanc estava stressada por causa do seu jantar de ensaio. Não era de surpreender. Fora sempre a rapariga certinha, que queria que tudo fosse perfeito, e trabalhava arduamente para o conseguir. Um intenso contraste com o homem com quem se ia casar, que adotara a missão de infernizar o máximo de vidas que pudesse, usando o seu humor seco e comportamento confrangedor.

Ela era a pessoa mais doce que eu conhecia — o que, a propósito, não é necessariamente uma coisa boa —, e ele era, de longe, a mais maléfica.

Acho que eu devia estar a pensar em termos de «e se?», porque a Millie foi minha namorada. Porque o cérebro humano está concebido para preencher as lacunas e eu tinha vinte e nove anos e a Millie tinha sido a minha única namorada séria, por isso, as pessoas provavelmente supunham que este era um grande amor perdido.

A verdade, como sempre, era ao mesmo tempo dececionante e pouco lisonjeadora.

A Millie nunca foi um grande amor. Eu gostava dela, mas não era intenso nem carente nem insano. Gostava dela e queria protegê-la, mas nunca de uma forma que me fizesse perder a cabeça, como fazia ao Vicious.

Ainda gostar dela depois de me ter deixado com uma porcaria de carta de despedida apenas mostra que não estávamos mesmo destinados um ao outro. Porque a verdade é que eu estava enamorado pela Emilia LeBlanc... até não estar.

Por vezes, penso se apenas amava a ideia dela ou se nunca a amei, de todo. Seja como for, uma coisa era indiscutível — enquanto estivemos juntos, fui bom para ela. Leal. Respeitador. Ela, pelo contrário, só me lixou.

Até hoje, sinto que não conheci realmente a minha única ex-namorada. Conhecia as suas características, claro. O tipo de merdas que se publicam

no perfil de encontros na Internet. Factos secos. Era artística, tímida e de boas maneiras. Mas não fazia a menor ideia de quais eram os seus medos ou os seus segredos. O que é que a mantinha acordada à noite, o que lhe fazia ferver o sangue e vibrar o corpo.

A outra parte da minha feia verdade era que nunca senti querer conhecer essas coisas acerca de outra pessoa que não fosse a Rosie LeBlanc. Mas a Rosie odiava-me. Por isso, fiquei solteiro. Ela mudaria de ideias. Tinha de mudar.

Por falar na Rosie, ela não aceitava dinheiro do Vicious nem da Millie a menos que precisasse mesmo. Toda a gente o sabia, e ela deixara isso claro um ano antes ao mobilar o meu apartamento em Nova Iorque, onde vivia com coisas descartadas da Craigslist, gastando menos de duzentos dólares no total. Duvidava que conseguisse fazê-la mudar de ideias, mas quando se tratava dela, estava sempre disposto a tentar.

Mas adiante. Voltemos às coisas importantes — foder.

Foi quando a Kennedy me tomou na boca, exibindo algum talento sério de garganta funda, que ouvi uma batida na porta. Ninguém podia entrar no edifício sem um código, e ninguém me pedira um recentemente, o que me levou à conclusão simples de que devia ser a própria menina LeBlanc.

— Dean! — A sua voz rouca arrastou-se do patamar para cada tecido do meu corpo, e fiquei imediatamente mais duro. A Kennedy notou, sem dúvida, porque me apertou com menos força e senti a sua respiração dura contra a minha coxa. A Natasha parou o trabalho de língua. Ambas se imobilizaram. — Abre a porta.

— É outra vez aquela croma? — perguntou a última com o híbrido de uma carranca e um beicinho.

— Podes crer que é.

— Está a assustar-me.

— É tão croma — concordou a Natasha. Como se a opinião dela tivesse importância. Para mim. Para a Rosie.

Sentei-me na cama e enfiei as calças de treino pretas. Não lamentei a queca por concretizar. Estava mais ansioso por ter um vislumbre daquela coisa pequenina e perguntava-me o que teria vindo aqui fazer. Levantei-me e esfreguei o sono dos olhos, despenteando propositadamente o cabelo.

— Isto foi divertido. — Beijei as costas das mãos de ambas antes de começar a dirigir-me para a porta. — Temos de repetir um dia destes.

Não íamos repeti-lo um dia destes. Nem em dia nenhum. Era um adeus, e ambas o sabiam. Tinha sido claro quando as trouxera na noite

anterior de um bar qualquer em Manhattan onde as encontrara. Estavam a inalar cocaína, talvez no valor de um milhar de dólares, como se fosse açúcar em pó, numa mesa de um sítio da moda aonde eu ia sempre que precisava de usar um daqueles preservativos feitos à medida. Sentara-me no bar, trocara alguns olhares sedutores com elas e depois indicara ao empregado que lhes mandasse bebidas. Elas tinham-me convidado a beber alguns *shots* com elas. Uma bebida passara a sete. Este guião começava a ficar estafado.

— Uau, és uma bela peça. — A Kennedy foi a primeira a levantar-se da cama. Virei a cabeça para a ver apanhar o vestido do chão, segurando-o como se este lhe tivesse feito mal.

A sério?, pensei. Antes de ter chamado um táxi para nos trazer a casa, deixara-lhes claro como um céu de agosto: era um caso de ocasião. Caraças, que parte de as ter apanhado num bar e usado *2 Girls 1 Cup* como tema de conversa é que as fez pensar que haveria mais?

Ofereci-lhes uma piscadela de olho de consolação antes de percorrer o caminho para o vasto e suavemente iluminado corredor, com chão de mármore creme e retratos de família a preto e branco olhando-me de cada canto com os seus enormes sorrisos de dentes brancos.

— Hum, desculpe, Sr. Grande Cabrão? Estávamos a meio de algo! — acrescentou a Natasha com voz estridente. Eu já estava no vestíbulo, abrindo a porta, atraído como um íman para a origem de toda a minha maldita libido. Baby LeBlanc. Aquele pequeno duende lindo e louco.

A Rosie usava um par de *jeans* sem rasgões e uma camisa branca básica, a sua versão de um fato de estilista. Um coque alto e despenteado prendia-lhe o cabelo no cimo da cabeça e os seus olhos enormes mostraram-me que não estava impressionada. Encostei o ombro à porta, sorrindo.

— Mudaste de ideias em relação ao *brunch*?

— Bem, chantageaste-me com a tua ameaça da reavaliação. — Os olhos dela desviaram-se por um segundo da minha cara para os meus abdominais, antes de voltarem a erguer-se para se semicerrarem para mim.

Merda, eu tinha-o feito. A minha memória da noite passada estava enublada por álcool, erva e conas.

— Entra. — Desviei-me para o lado. Ela virou a cabeça na minha direção enquanto entrava.

— Pensei que ao menos fizesses café antes de me atacares outra vez com a renda. Isto é que é boa vizinhança — murmurou, observando atentamente o meu apartamento.

Cruzei os braços diante do peito, consciente do meu físico esculpido, e passei a língua sobre o lábio inferior.

— Queres boa vizinhança? Posso comprar-te o pequeno-almoço na pastelaria lá em baixo e oferecer-te alguns orgasmos para sobremesa — disse, acrescentando: — E posso abrir-te outro buraco no rabo, se preferires.

— Tens de parar de te atirar a mim. — A voz dela era dolorosamente sem emoção enquanto passava ao lado da enorme ilha cinzenta e branca no centro da minha cozinha, o aço inoxidável piscando-nos o olho com um brilho vindo de cada canto da divisão. Ela tombou num banco e olhou para a minha cafeteira vazia junto do lava-loiça como se esta tivesse cometido um crime de ódio.

— Porquê? — provoquei, ligando a máquina do café. Porque é que tinha de parar de me atirar à Rosie LeBlanc? Ela agora estava solteira, depois de ter dado com os pés no seu enfadonho namorado médico. Estava disponível e eu ia tentar brincar com ela até a carpete lhe causar queimaduras de terceiro grau nas costas.

De facto, foi a primeira coisa em que pensei quando vi o miserável tirar as suas coisas do apartamento dela. Do *meu* apartamento.

Vou foder a tua namorada antes de as lágrimas na almofada dela secarem, pensei. *E ela vai gostar tanto que se arrastará por mais.*

Entretanto, na vida real, a Rosie aceitou avidamente a caneca de café fumegante que lhe ofereci em silêncio, dando um gole. Fechou os olhos e gemeu. Sim, *gemeu*. Foda-se, queria que aquele som fosse o meu novo toque de telemóvel. Então, abriu os olhos e atirou água gelada para cima da minha fantasia.

— Porque já molhaste a salsicha no molho da minha família, e apesar de eu saber que é uma receita secreta que toda a gente quer repetir, receio que não tenhas sorte nenhuma.

— Adoro quando falas de sexo culinário comigo. — Dei um passo em direção à ilha, colocando os antebraços em cima com o olhar em brasa.

— Talvez por sermos *Coca-Cola* e tu te contentares sempre com *Shasta*. — Desviou o olhar para o meu quarto.

Cada músculo do meu torso se retesou quando soltei uma gargalhada genuína. A minha notável forma em V, braços musculosos, abdominais rijos e peitorais proeminentes não lhe escaparam, e as suas bochechas, agora com uma tonalidade de pêssego, admitiam-no, mesmo que ela própria nunca o fizesse.

— Desejo-te — disse eu, de forma simples e sem me desculpar... quase vulnerável, porque *desejava*.

— Tal como desejaste a minha irmã. — A Baby LeBlanc fez um aceno breve. — Estás a planear foder toda a nossa árvore genealógica? Queres que te imprima uma cópia do nosso perfil no Ancestry.com?

— Por favor, assim que puderes. — Devolvi-lhe alguma provocação. — Embora tenha um palpite de que me vais entreter o suficiente.

— És demasiado teimoso. — Ela tossiu, como fazia de dois em dois minutos, dando outro longo gole no café.

— Pois. Não tenho falta nesse departamento. Nem em nenhum outro, já agora. — O meu sorriso alargou-se enquanto ela deslizava os olhos para a minha pélvis. Estávamos a travar uma batalha de vontades. Isso era bom. Eu ia ganhar. Conseguia sempre o que queria. E o que eu queria estava sentado à minha frente, aguardando o meu veredicto acerca da sua renda.

A Kennedy e a Natasha apareceram do corredor. Partilhavam casa, por isso não me surpreendeu que a última dissesse à amiga que o Uber que tinha chamado estaria lá em baixo em três minutos. Partilhar um carro era economia inteligente. Precisavam de ser prudentes com as despesas depois de cheirarem o valor da renda em cocaína. Bom para elas.

— Adeus, meninas. — Acenei-lhes.

— Adeus, cabrão. — A Kennedy atirou-me o sapato de salto alto com um movimento de braço que fez o *quarterback* em mim ter vontade de assobiar de admiração. Esquivei-me, baixando rapidamente a cabeça. O sapato vermelho voou pela cozinha, passando ao lado do ombro da Rosie e embatendo no frigorífico.

Amolgou-o. Tinha de lhe dar créditos por isso. Nenhuma mulher conseguia fazê-lo antes.

A Rosie deu um gole hesitante no café, tresandando a indiferença.

— Hum — disse ela. — Isto sabe bem.

Não se referia ao café, mas aos efeitos secundários de eu ser uma puta. Mas fez aquele pequeno gemido. Outra vez.

Isto está mesmo a acontecer, Rosie LeBlanc, pensei. Vou arrastar-te pelos cabelos até ao lado escuro, e tu nem fazes ideia.

— Vamos diretos ao assunto, querida. Vais voar comigo para Todos Santos na sexta-feira.

Tirei a concha da proteína de soro do recipiente, misturando o pó com leite magro. Uma pessoa não tem o meu aspeto enfardando *junk food* o dia inteiro. Eu faço as coisas acontecerem. Não importa o preço. No ginásio, no

trabalho, sendo um filho querido e perfeito. Tudo foi calculado e conquistado da maneira mais difícil. Para mim, não há atalhos. Era assim desde tenra idade, mas não conhecia outra maneira. Para eles — a Rosie, a irmã dela, os meus amigos —, eu era o cabrão sortudo que tinha nascido com uma colher de prata enfiada tão profundamente na boca que nunca precisara de mexer um dedo no trabalho. Deixei-os pensar isso. Não fazia mal ser subestimado.

Ouvi a Rosie mexer-se no banco alto junto da ilha e percebi que não cederia sem luta. Para uma rapariga doente, era combativa como o raio.

— A Millie já me pediu. A diferença de preço são duzentos dólares por bilhete. É só o ensaio, *meu*. Não vou propriamente perder o casamento a sério.

O casamento a sério era no domingo, mas a maior parte dos convidados — eu, o Jaime e o Trent — ia para Todos Santos na sexta-feira e ficava uma semana e meia para acumular um jantar de ensaio, uma despedida de solteiro, uma despedida de solteira e o casamento, tudo numa única escapadinha descontrolada. Éramos um grupo muito unido. Anormalmente unido. Sempre que podíamos passar um bom período juntos, aproveitávamos a oportunidade. A Rosie estava limitada pelo dinheiro por opção própria. A irmã ia casar-se com um dos homens mais ricos da América. Agradava-me que a Baby LeBlanc não fosse o género de rapariga de se colar à carteira dos outros. Tinha o apartamento e as comodidades quase de graça e os medicamentos pagos, mas trabalhava duramente por tudo o resto. E arranjava tempo para trocar fraldas sujas e receber as visitas num hospital pediátrico algumas vezes por semana. Era uma rapariga para segurar, mas eu não precisava que me lembrassem disso.

— Tu és a madrinha. — Virei-me para a encarar, encostando uma anca à bancada. Ela tinha os olhos fixos no meu biceps protuberante enquanto eu agitava a bebida. Esta rolava para trás e para diante como uma bola de ténis. Ela lambeu os lábios, abanando a cabeça, provavelmente para se livrar da imagem mental de mim a bater-lhe no rabo com o mesmo braço musculoso.

— Compreendo a importância do papel e sou perfeitamente capaz de caminhar numa linha direita dentro de sapatos desconfortáveis por dois minutos enquanto seguro o vestido. Compreendes que é a única coisa que tenho de fazer, certo?

— Então e a despedida de solteira? — Massajei os abdominais nus para a fazer gemer ou lambeu novamente os lábios, atirando a cabeça para trás e tomando um gole da bebida de bolacha e caramelo que não sabia nada a bolacha nem a caramelo, mas sabia imenso a rabos podres.

— Que é que tem? — desafiou, olhando-me intensamente.

— Quem é que está a planear a da Millie? Não devia ser também uma função da madrinha?

— Está sob controlo, e vai ser épica. Porquê? És tu que estás a planear a despedida do Vicious? — perguntou, surpreendida. Inclinou o corpo para a frente, os seus pequenos seios empinados juntando-se dentro do *soutien*. Resmunguei, sentindo o pénis dentro das minhas calças de treino de cintura baixa.

Visto de fora, parecia que eu e o Vicious tínhamos uma quantidade de problemas. A verdade é que a nossa amizade era forte. Era diferente da fraternidade normal do resto dos homens, mas era sólida.

— Sou. O Jaime está a ajudar. Vamos fazer um fim de semana em Las Vegas.

— Que classe. — O tom dela era condescendente.

— Bem, ainda pensámos em não nos ralarmos e faltarmos ao jantar de ensaio do nosso amigo, mas depois tu roubaste-nos a ideia. Afinal, que é que te deu? Estás com inveja de a tua irmã se ir casar?

Ela girou na cadeira e, quando vi a sua cara, algo se me apertou no peito. *Estás em grande, idiota*. O que quer que eu dissesse afetara-a o suficiente para lhe tirar o sangue da cara.

— Cala-te, Ruckus. Estava só a pensar se o que planeámos é suficientemente bom. Estava a pensar numa festa em casa. Com uma *playlist* especial, e essas coisas. — Olhos inseguros perguntam a minha opinião. Não era o género dela. Normalmente, a Rosie ardia em autoconfiança, e parecia-me uma merda ser eu a extinguir-lhe a chama.

— Uma festa em casa, então? — Passei por ela de modo a roçar os dedos na sua cintura. *Sem querer, claro*. — A Millie é uma rapariga discreta. Não vejo porque não gostaria disso.

— Eu digo-te porquê, porque vocês vão a *Vegas*. Agora preciso de subir a parada — queixou-se, servindo-se de um segundo copo de café sem pedir.

— Queres ser uma boa irmã? Podes começar por aceitar o maldito bilhete que te vou comprar.

— A resposta é não — disse ela com um grande suspiro. — O inglês não é a tua língua materna? Devia dizer que não noutra língua? Não falo cabronês fluentemente, mas posso tentar — grunhiu.

— O Vicious está a levar isto muito a sério. Ele próprio virá aqui para te arrastar. Sou o menor de dois males, Baby LeBlanc. Tu vens comigo — repeti. Não que algum deles merecesse os meus favores, mas estava feliz

pelo Vicious e pela Millie. E mais feliz ainda por passar uma semana com a Baby LeBlanc.

A Rosie desviou o olhar, cruzando os braços como uma criança teimosa.

— Não.

— Sim — disse eu exatamente no mesmo tom. — E é melhor fazeres a merda de uma mala porque o voo é na sexta de manhã e ambos temos uma semana atarefada pela frente.

Ela piscou os olhos sem responder.

— Vamos fazer um bom acordo, está bem? — Falei mesmo diante da cara dela, com os cotovelos na ilha. O corpo dela imitou o meu, gravitando para mim. Estávamos alinhados e ela não sabia, mas parecíamos duas esculturas. Feitas uma para a outra. O que ela também não sabia era que íamos testar a minha teoria e ver se combinávamos. Em breve. Muito em breve, mesmo. — Levo-te ao antro do demónio porque tens mesmo de ir. — Sabia o quanto o Vicious podia ser impossível. — Mas estou de serviço se precisares de alguma coisa. Pensa nisso. É uma boa maneira de nos conhecermos melhor. — Ofereci-lhe um sorriso com covinhas.

— Não quero conhecer-te melhor. Tudo o que conheço de ti, que é bastante, não me agrada — disse a Rosie. — Se não vamos falar acerca da minha renda, avisa-me, para me ir embora.

— Vem para Todos Santos comigo. — Ignorei a sua última frase.

Caramba, ela era tão persistente. Porque é que isso me excitava? Talvez porque a maioria das mulheres tendia a agir de maneira diferente comigo. Eram agradáveis, excessivamente simpáticas e sedutoras. Três coisas de que a Baby LeBlanc não podia ser acusada.

— Esquece — murmurou, saltando do banco.

— Rosie — avisei.

— *Dean*. — Foi a vez de ela me imitar. — Informa-me do valor da minha nova renda antes do fim do mês, por favor. Preciso de tomar providências, caso não possa manter o apartamento.

Dirigiu-se à porta e bateu-a na minha cara antes de eu ter oportunidade de lhe dizer que a sua renda se manteria igual se ela alinhasse.

Não fazia mal. Eu tinha paciência, desde que as coisas corressem como eu queria.

A Baby LeBlanc acabaria por ceder.

O relógio dela avançava mais depressa e eu estava farto de a deixar desperdiçar o nosso tempo.